

**CODINOME  
VILLANELLE**



LUKE JENNINGS

CODINOME  
VILLANELLE

TRADUÇÃO  
Leonardo Alves



Copyright © Luke Jennings 2014, 2015, 2016

Publicado originalmente como e-books independentes: *Codename Villanelle*,  
*Hollowpoint*, *Shanghai* e *Odessa*.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Codename Villanelle

*Capa*

Eduardo Foresti/ Foresti Design

*Foto de capa*

Shutterstock

*Preparação*

Natália Pacheco de Souza

*Revisão*

Renata Lopes Del Nero

Isabel Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Jennings, Luke

Codinome Villanelle / Luke Jennings ; tradução Leonardo  
Alves. — 1ª ed. — Rio de Janeiro : Suma, 2020.

Título original: Codename Villanelle.

ISBN 978-85-5651-093-8

1. Ficção inglesa. 1. Título.

20-33895

CDD-823

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORASCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/editorasuma](https://facebook.com/editorasuma)

[instagram.com/sumadeletras\\_br](https://instagram.com/sumadeletras_br)

[twitter.com/Suma\\_BR](https://twitter.com/Suma_BR)

**CODINOME VILLANELLE**



# 1

O Palazzo Falconieri se ergue em um promontório em um dos menores lagos da Itália. É fim de junho, e uma brisa suave acaicia os pinheiros e ciprestes que se postam como sentinelas ao longo da saliência rochosa. Os jardins são imponentes, e talvez até bonitos, mas as sombras intensas passam um ar hostil, que é reforçado pelos traços rígidos do Palazzo propriamente dito.

A construção é virada para o lago, com janelas altas nas quais se pode ver cortinas de seda. A ala leste foi um salão de banquetes no passado, mas agora é usada como sala de reuniões. No centro, sob um candelabro art déco pesado, há uma mesa comprida com uma pantera de Bugatti em bronze.

À primeira vista, os doze homens sentados em volta da mesa parecem normais. Bem-sucedidos, a julgar pelas roupas caras e discretas. A maioria tem mais ou menos sessenta anos e o tipo de rosto que qualquer um esqueceria imediatamente. Mas esses homens exibem um estado de alerta incessante que não é normal.

A manhã é dedicada a discussões, conduzidas em russo e inglês, línguas comuns a todos os presentes. E então um almoço leve — *antipasti*, trutas, vinho *vernaccia* frio, figos e damascos frescos — é servido na varanda. Depois, os doze homens se servem de café, contemplam a superfície do lago agitada pelas brisas e caminham pelo jardim. Não há uma equipe de segurança, porque, nesse nível de sigilo, até seguranças representam um risco. Não demora até os homens voltarem a seus

lugares na sala de reuniões obscura. O título da pauta do dia é um simples “EUROPA”.

O primeiro a falar é um sujeito de pele bronzeada, idade indefinida e olhos encovados. Ele observa à sua volta.

— Hoje de manhã, senhores, discutimos o futuro político e econômico da Europa. Conversamos, especialmente, sobre o fluxo do capital e sobre a melhor forma de controlá-lo. Agora à tarde, quero tratar com vocês de outra economia. — A sala se escurece, e os doze se viram para o telão na parede norte, que mostra a imagem de um porto no Mediterrâneo, com navios cargueiros e guindastes. — Palermo, senhores, hoje o principal porto de entrada de cocaína na Europa. Resultado de uma aliança estratégica entre os cartéis mexicanos e a máfia siciliana.

— Os sicilianos não são uma força esgotada? — pergunta um homem corpulento à esquerda dele. — Eu tinha a impressão de que hoje em dia o tráfico estava nas mãos das quadrilhas do continente.

— E era assim. Até dezoito meses atrás, os cartéis lidavam principalmente com os 'Ndrangheta, da Calábria, no sul da Itália. Mas, recentemente, começou uma guerra entre os calabreses e os Greco, um clã ressurgente da Sicília.

Aparece um rosto no telão. Os olhos, escuros, frios e observadores. A boca, uma armadilha de aço.

— Salvatore Greco dedicou sua vida a reviver a influência de sua família, que perdeu a posição na estrutura de poder da máfia nos anos 1990, depois do assassinato do pai de Salvatore por um membro dos Matteo, uma família rival. Duas décadas depois, Salvatore perseguiu e matou todos os Matteo que ainda estavam vivos. Os Greco e seus aliados, os Messina, são os clãs mais ricos, poderosos e temidos da Sicília. Sabe-se que Salvatore matou pessoalmente pelo menos sessenta pessoas e que recomendou a morte de centenas de outras. Hoje, aos cinquenta e cinco anos, detém controle absoluto sobre Palermo e o tráfico de drogas. Seus negócios, espalhados pelo mundo, faturam entre

vinte e trinta bilhões de dólares. Senhores, ele é praticamente um de nós.

Uma onda sutil de humor, ou algo próximo disso, se expande pela sala.

— O problema de Salvatore Greco não é seu gosto por tortura e assassinato — continua ele. — Quando mafiosos matam mafiosos, é como se fosse um forno autolimpante. Mas, recentemente, ele começou a encomendar o homicídio de membros do establishment. Até o momento, foram dois desembargadores e quatro juízes, todos mortos em carros-bomba, e uma jornalista investigativa, morta a tiros mês passado na porta do apartamento dela. A jornalista estava grávida. O bebê não sobreviveu.

Ele se cala e levanta os olhos para o telão com a imagem da mulher morta, esparramada na calçada em cima de uma poça de sangue.

— Desnecessário dizer que não foi possível estabelecer alguma ligação direta entre Greco e qualquer um desses crimes. A polícia foi subornada ou ameaçada, e testemunhas, intimidadas. O código de silêncio, ou *omertà*, predomina. O homem, para todos os efeitos, é intocável. Há um mês, mandei um intermediário organizar uma reunião com ele, pois eu acreditava que precisávamos chegar a uma espécie de acordo. As atividades dele neste canto da Europa se tornaram tão excessivas que correm o risco de afetar nossos próprios interesses. A resposta de Greco foi imediata. Recebi um pacote lacrado no dia seguinte. — A imagem no telão muda. — Continha, como vocês podem ver, os olhos, as orelhas e a língua do meu enviado. A mensagem foi clara. Nenhuma reunião. Nenhuma conversa. Nenhum acordo.

Os homens em volta da mesa contemplam a cena macabra por um instante e então voltam os olhos para aquele que está falando.

— Senhores, acho que precisamos tomar uma decisão executiva referente a Salvatore Greco. Ele é uma força perigosa e incontrolável que está fora do alcance da lei. Suas atividades

criminosas e o caos social que elas provocam põem em risco a estabilidade do setor mediterrâneo. Proponho que ele seja removido permanentemente do jogo.

O homem se levanta da cadeira e vai até um aparador, de onde volta com uma caixa de laca antiga. De lá, ele tira uma bolsa de veludo preto, fechada com barbante, e despeja o conteúdo na mesa à sua frente. São vinte e quatro peixes pequenos de marfim, doze envelhecidos até uma tonalidade amarelo-clara, e doze tingidos de vermelho-sangue. Os homens recebem um de cada.

A bolsa de veludo é passada pela mesa em sentido anti-horário. Quando completa a volta, é devolvida ao homem que propôs a votação. Mais uma vez, o conteúdo da bolsa é despejado na superfície lustrosa e escura da mesa. Doze peixes vermelhos. Uma sentença unânime de morte.

Duas semanas depois, ao entardecer, Villanelle está em uma mesa externa no Le Jasmin, um clube exclusivo no 16º Arrondissement de Paris. Do leste vem o murmúrio do trânsito no Boulevard Suchet, e a oeste ficam o Bois de Boulogne e o hipódromo Auteuil. O jardim do clube é contornado por uma treliça recoberta de jasmins em flor que preenchem o ar quente com seu aroma. A maioria das outras mesas está ocupada, mas as conversas são baixas. A luz se esvai, a noite aguarda.

Villanelle toma um gole demorado de seu martíni com vodka Grey Goose e faz uma discreta observação de seu entorno, reparando particularmente no casal sentado à mesa mais próxima. Os dois têm vinte e poucos anos: ele, cuidadosamente despenteado, e ela, esguia e delicada. São irmãos? Colegas de trabalho? Amantes?

Definitivamente, não são irmãos, decide Villanelle. Há uma tensão entre eles — uma cumplicidade — que não tem nada de fraternal. Mas os dois certamente são ricos. O suéter de seda da mulher, por exemplo, é de um tom dourado-escuro que combina

com os olhos dela. Não é novo, mas com certeza é Chanel. E eles estão bebendo Taittinger vintage, que não é barato no Le Jasmin.

Ao perceber o olhar de Villanelle, o homem ergue a taça de champanhe um ou dois centímetros. Ele murmura algo para a companheira, que a encara com um olhar frio e inquisitivo.

— Gostaria de se sentar conosco? — pergunta ela. É tanto um desafio quanto um convite.

Villanelle retribui o olhar, sem piscar. Uma brisa estremece o ar perfumado.

— Não é obrigatório — diz o homem, e seu sorriso torto destoa da calma em seus olhos.

Villanelle se levanta e ergue a taça.

— Eu adoraria. Estava esperando uma amiga, mas ela deve ter tido algum contratempo.

— Nesse caso... — O homem se levanta. — Meu nome é Olivier. E esta é Nica.

— Villanelle.

A conversa se desenvolve de forma bem convencional. Ela descobre que Olivier começou recentemente uma carreira como marchand. Nica trabalha ocasionalmente como atriz. Eles não são parentes, e um olhar mais atento não revela sinais de que sejam amantes. Ainda assim, há algo sutilmente erótico na cumplicidade deles e na maneira como atraíram.

— Eu trabalho na bolsa de valores — diz Villanelle. — Moedas, juros futuros, essas coisas.

Com satisfação, ela percebe o interesse nos olhos dos dois se apagar imediatamente. Se necessário, é capaz de passar horas conversando sobre pregões, mas eles não querem saber. Então, Villanelle descreve o apartamento térreo bem iluminado onde ela trabalha, em Versalhes. O lugar não existe, mas ela consegue imaginar cada detalhe, dos rolos de ferro fundido na varanda ao tapete persa desbotado no chão. O disfarce dela está perfeito agora, e mentiras, como sempre, proporcionam uma onda de prazer.

— Adoramos seu nome, e seus olhos, e seu cabelo, e adoramos principalmente seus sapatos — diz Nica.

Villanelle ri e mexe os pés, calçados com Louboutins de fitas de cetim. Percebendo o olhar de Olivier, ela reproduz deliberadamente a postura lânguida do homem. Imagina as mãos dele percorrendo seu corpo com propósito e possessividade. Ele a veria, ela supõe, como um belo objeto colecionável. Ele acreditaria estar no controle.

— Qual é a graça? — pergunta Nica, inclinando a cabeça e acendendo um cigarro.

— Vocês — responde Villanelle.

Como seria se deixar levar por aqueles olhos dourados? Sentir aquela boca fumacenta na sua? Ela está apreciando o momento; sabe que tanto Olivier quanto Nica a desejam. Eles acham que estão enrolando-a, e Villanelle vai deixar que pensem assim. Vai ser divertido manipulá-los, ver até onde eles iriam.

— Tenho uma sugestão — diz Olivier, e nesse momento o celular na bolsa de Villanelle começa a piscar.

É uma mensagem de uma palavra só: **ESQUIVAR**. Ela se levanta, uma expressão vazia no rosto. Lança um olhar para Olivier e Nica, mas, na cabeça dela, os dois já não existem mais. Ela vai embora sem dizer nada e, em menos de um minuto, está no trânsito, seguindo para o norte em sua Vespa.

Faz três anos desde que conheceu o homem que mandou a mensagem. O homem que, até hoje, ela só conhece como Konsstantin. As circunstâncias dela, na época, eram muito diferentes. Chamava-se Oxana Vorontsova e estava oficialmente matriculada na Universidade de Perm, no interior da Rússia, como estudante de francês e linguística. Suas provas finais aconteceriam dali a seis meses. Mas era improvável que ela pudesse comparecer para prestar os exames na universidade, já que estava detida em outro lugar desde o outono anterior — especificamente no centro de detenção para mulheres em Dobryanka, nos Urais. Acusada de assassinato.